

A Bola Laranja do Triângulo Mineiro: O Livro-Reportagem Enquanto Paradigma Para a Narrativização da História do Basquete de Uberlândia¹

Deisiane Maria Moreira CABRAL²
Rafael Duarte Oliveira VENANCIO³
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

Resumo

Este artigo aborda os postulados teóricos sobre livro-reportagem. A definição desse objeto de estudo é resultado da proposta de um produto a ser desenvolvido no curso de Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia: um livro-reportagem sobre a história do basquete de Uberlândia. Assim, o trabalho trata de questões teóricas acerca do tema como paradigma, comunicação, além de apresentar a concepção de livro-reportagem e as características que o formato possui. O artigo discute, ainda, se a proposta de produto se enquadra com a epistemologia apresentada.

Palavras-chave: comunicação; livro-reportagem; narrativas; basquete.

Introdução

Existe uma história sobre o basquete de Uberlândia, Minas Gerais, que não foi contada. Em que contexto essa modalidade esportiva emergiu na cidade mineira? Quando foi o primeiro jogo do esporte em Uberlândia? Quais foram os primeiros atletas? E a primeira equipe de basquete da cidade? Quantos e quais times profissionais existiram? Quais foram as conquistas desses times? Afinal, qual é a história? Existem tantas perguntas. Tantas curiosidades.

Sabemos que existe uma história, mas que não foi narrada. Ela está espalhada na memória daqueles vivenciaram o esporte na cidade, seja jogando, trabalhando ou torcendo. Ela está registrada em documentos oficiais e nas páginas de jornais. Está guardada em acervos de emissoras de rádio e televisões. Encontra-se espalhada pela internet. São fragmentos dispersos em lugares, objetos e pessoas distintas, mas não existe uma junção das

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia, email: deisianecabral@yahoo.com.br

³ Doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Professor do Curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo e do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia, email: rdovenancio@gmail.com

diversas histórias em um único lugar. Há, inclusive, muitos dados, fatos, recordações sobre o basquete de Uberlândia que não são conhecidos.

É mergulhando nessas inquietações, levando em conta a inexistência de produtos que tragam a tona a história do basquete de Uberlândia, que surge a proposta do produto de Mestrado do curso de Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação: narrar uma história que não foi contada. Resgatar a memória esportiva do basquete da cidade por meio de um livro-reportagem.

Este artigo aborda a concepção de livro-reportagem e suas características. O livro-reportagem é um formato jornalístico que nos permite construir narrativas da realidade sobre algo ou alguém. Assim, o produto é o meio escolhido para se relatar uma realidade: a trajetória do basquete uberlandense.

O objetivo geral da proposta de produto é produzir um livro-reportagem sobre a história do basquete de Uberlândia. A proposta é, justamente, resgatar a história do esporte na cidade por meio de narrativas de realidade, produzindo um trabalho que contribua para a construção da identidade esportiva de Uberlândia. São objetivos específicos: fazer pesquisa bibliográfica, realizar pesquisa documental, produzir pautas, coletar dados, contatar fontes, realizar entrevistas, redigir e revisar o material produzido.

A escolha por trabalhar com o basquete uberlandense se justifica por se tratar de um esporte significativo para a cidade. Nos últimos anos, por exemplo, Uberlândia contou com um representante da modalidade na Liga Nacional de Basquete (LNB), o Uberlândia basquete. O time, que existe desde 1998, teve boas atuações e chegou a conquistar um título no ano de 2004. Antes do Uberlândia basquete, existiram outros times da modalidade esportiva na cidade. No entanto, mesmo sendo um esporte expressivo em Uberlândia, não existem trabalhos referentes a essa temática. Logo, o produto é relevante, pois preencherá esta lacuna, colocando o basquete uberlandense em foco.

Um livro que traga a tona um registro histórico do basquete uberlandense é importante para que essa história não seja perdida, para que não seja apenas uma recordação daqueles que assistiram ou participaram dela. Assim, o trabalho será uma fonte documental para futuras pesquisas sobre o basquete de Uberlândia. Poderá, ainda, abrir caminhos para futuros trabalhos sobre o tema.

Neste artigo vamos trabalhar a noção de livro-reportagem e o universo que esse formato se insere. Assim, serão discutidos conceitos que estão ligados com a proposta de

produto para o curso de Mestrado. Os fundamentos teóricos são importantes para nos fornecer conhecimento na área e auxiliar na execução do projeto desejado.

Primeiramente abordaremos o referencial teórico, apresentando discussões sobre conceitos que estão ligados com a proposta de produto. Assim, vamos falar de paradigma, comunicação e livro-reportagem. Traremos também um pequeno resumo histórico do basquete na cidade de Uberlândia. Em seguida, esboçaremos a metodologia que vamos utilizar para a produção do livro. Logo após, analisaremos se a proposta metodológica está de acordo com epistemologia traçada no referencial teórico. Por fim, vamos apresentar as considerações finais.

O livro-reportagem como um paradigma da comunicação

Como mencionado, a proposta de produto é produzir um livro-reportagem sobre a história do basquete de Uberlândia. Estamos diante de um paradigma, pois um livro-reportagem é um paradigma. Trata-se de algo que uma comunidade científica compartilha:

Um paradigma é o que os membros de uma comunidade científica, e só eles, partilham. Reciprocamente, é a respectiva posse de um paradigma comum que constitui uma comunidade científica, formada, por sua vez, por um grupo de homens diferentes noutros aspectos. Como generalizações empíricas, estes dois enunciados podem ser defendidos. (KUHN, 2009, p. 337)

Por comunidade científica entende-se o campo comum partilhado por pessoas de uma dada área do conhecimento. “Nesta concepção, uma comunidade científica consiste nos praticantes de uma especialidade científica” (KUHN, 2009, p. 338). Para Kuhn, os membros da comunidade científica possuem elementos comuns no que se refere à educação e aprendizagem. Como afirma o autor, “numa dimensão notória, os membros de uma dada comunidade terão absorvido a mesma literatura e estruturado conclusões a partir dela” (KUHN, 2009, p. 338). Jornalistas, advogados, médicos, psicólogos, administradores são exemplos de comunidades científicas.

O livro-reportagem é um veículo de comunicação. Comunicar é “fazer saber”, “transmitir”⁴ uma mensagem. Dessa forma, comunicação é o efeito de comunicar algo. Para Sodré,

A comunicação seria em princípio uma experiência antropológica fundamental (já que não há vida social sem comunicação), em seguida um

⁴ Definição do verbo comunicar encontrada no site dicionariodoaurelio.com.

saber sobre essa experiência e, finalmente, é uma realidade industrial já concretizada por um formidável aparato tecnológico sustentado pelo mercado. (SODRÉ, 2012, p. 17).

Além disso, a expressão refere-se também à área do conhecimento que estuda o processo comunicativo. Sodré (2009) destaca que se trata de uma palavra ambígua conceitualmente. O autor acrescenta que,

Apesar disso, a ideia de transmissão e persuasão, concretizada nos dispositivos técnicos que fazem circular os discursos sociais, com a conseqüente recepção por parte de públicos amplos e heterogêneos – portanto, na *comunicação funcional* ou *comunicação/informação* – é, desde os começos, a principal responsável pelo *paradigma dos efeitos* na abordagem acadêmica da comunicação (SODRÉ, 2009, p. 12).

O livro-reportagem é um aparato tecnológico da comunicação. Trata-se de um instrumento de comunicação utilizado para comunicar algo, isto é, informar dados, relatar fatos, narrar histórias reais.

Um veículo de construção de narrativas da realidade

O formato escolhido para se contar a história do basquete de Uberlândia é o livro-reportagem. Segundo Edvaldo Pereira Lima (2009), o gênero⁵, que está em expansão no Brasil, é um meio de comunicação familiar nas editorias do ocidente. O autor enfatiza que o livro-reportagem cumpre uma função importante: “prestar informação ampliada sobre fatos, situações e ideias de relevância social, abarcando uma variedade temática expressiva” (LIMA, 2009, p. 1).

Mais do que ser um meio de comunicação jornalístico não-periódico, o livro-reportagem é um veículo que possibilita trabalhar temas em profundidade, com uma abordagem ampla. Não se trata de ficção. No livro-reportagem, há um mergulho nos temas em que se aborda. E aquilo que se reporta se debruça na realidade. Estamos falando de um gênero em que encontramos a narrativa do real.

De acordo com Lima (2009, Estação de embarque XIII), trata-se de um “produto cultural de características peculiares” que combina elementos do jornalismo e da literatura.

Para o autor:

O eixo condutor de tudo é o reportar, a arte de você partir a campo para o mundo, vivenciar uma situação, testemunhar acontecimentos, interagir com pessoas imersas nas suas circunstâncias particulares de vida e de seu momento histórico, dar significado à realidade que você constata e

⁵ Gênero, neste caso, está sendo usado como sinônimo de formato.

expressar tudo isso, num texto, com vivacidade, vigor, valor estético e validade. (LIMA, 2009, Estação de embarque XV).

Na imprensa cotidiana há temas e sujeitos não abordados ou trabalhados sem profundidade, seguindo a fórmula clássica da notícia em que se busca responder as perguntas básicas que compõem o lead da matéria: o quê, quando, onde, como e por que. Além de ser um veículo que informa de forma ampliada, o livro-reportagem possibilita, ainda, preencher essa lacuna da imprensa cotidiana. Lima considera que mais do que preencher vazios, o livro-reportagem “avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística. (LIMA, 2009, p.4).

O formato está intrinsecamente ligado ao jornalismo. Lima o considera um subsistema do sistema jornalismo. O livro-reportagem incorpora técnicas do fazer jornalístico, como o processo de produção, redação e edição. Além disso, quem produz o livro, geralmente, é um jornalista.

Assim, levando em conta a sua face dinâmica, o livro-reportagem é um subsistema por incorporar elementos procedentes do jornalismo — os próprios autores, sua narrativa por excelência, que é a reportagem, seus recursos técnicos — e, em menor escala, do sistema editorial — os meios de produção específicos do setor, as condições peculiares de produção de livros e suas condicionantes, as editoras, o mercado editorial, o público, os esquemas de distribuição do produto livro, e assim por diante. (LIMA, 2009, p. 39).

Como o próprio nome livro-reportagem indica, trata-se de um livro composto por reportagens. Reportagem é uma categoria do jornalismo em que a abordagem ampliada acerca de um tema, evento ou pessoa ganha vez. É justamente com o intuito de ir além do tratamento raso dado notícia que surge a reportagem no jornalismo. Como afirma Lima,

Por isso, visando atender a necessidade de ampliar os fatos, de colocar para o receptor a compreensão de maior alcance, é que o jornalismo acabou por desenvolver a modalidade de mensagem jornalística batizada de *reportagem*. É a ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual. Em especial, esse patamar de maior amplitude é alcançado quando se pratica a *grande-reportagem*, aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo, a seu autor ou a seus autores, uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia, com o *lead* e as pirâmides já mencionadas. (LIMA, 2009, p. 18)

Assim, podemos afirmar que “o livro-reportagem é o veículo da comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos” (LIMA, 2009, p. 26). É a forma de se comunicar o real por meio de narrativa. Aliás, “a narrativa não é privilégio da arte ficcional” (SODRÉ E FERRARI, 1986, p. 11). Trata-se de “todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado” (SODRÉ E FERRARI, 1986, p. 11). Neste contexto, entende-se por narrativa:

[...] o relato de um conjunto de acontecimentos dotados de sequência, que capta, envolve o leitor, conduzindo-o para um novo patamar de compreensão do mundo que o rodeia e, tanto quanto possível, de si mesmo, pelo espelho que encontra nos seus semelhantes retratados pelo relato. (LIMA, 2009, p. 138)

Segundo Lima, há livros-reportagem que se originam de material veiculado na imprensa cotidiana e outros que provém, desde o início, de um projeto. Além disso, existem aqueles produzidos a partir de algo que repercute na atualidade e outros que não se limitam ao aqui e agora e trabalham temáticas que envolvem o passado de algo ou alguém. Neste contexto, “o jornalismo voltado para o efêmero transcende-se no livro-reportagem, quando este leva em conta o tempo histórico para compreender o presente, resgatando do passado suas raízes/ mais importantes, escondidas” (LIMA, 2009, p. 44-45). Este é ponto positivo do livro-reportagem, pois:

O livro-reportagem permite esse retorno ao *que já foi* para lhe reposicionar em termos do que este *representa hoje*, transformado, reequipado de nova vestimenta. A ponte que permite essa conexão entre os fatos desenrolados no passar do tempo, para o leitor, é a periodicidade, testemunho da história em fermentação, registro que tenta fazer o homem moderno não se esquecer do movimento incessante da existência. E da periodicidade aproveita-se o livro-reportagem para impedir que a memória do leitor entre no limbo do esquecimento. O vazio do tempo, entre o presente e o passado histórico — que supõe um distanciamento mais prolongado do atual —, é coberto pelo livro-reportagem. (LIMA, 2009, p. 46)

Outro ponto positivo do livro-reportagem é que ele é um produto que não possui caráter passageiro. O que ele veicula não tem valor apenas no presente, mas possui significado no futuro, pois é um meio de comunicação que pode eternizar uma história de vida, uma pessoa, um acontecimento.

Além disso, uma característica marcante do livro-reportagem é a liberdade de criação que o formato possui. A começar pela temática. Há uma diversidade de temas que podem ser explorados. Como afirma Lima (2009, p. 49), “essa modalidade da comunicação jornalística trata dos mais variados assuntos, da tecnologia à arte literária”. Além da temática, o livro-reportagem possibilita também liberdade de angulação, isto é, no enfoque dado ao que se narra. É o autor que determina como abordará o tema escolhido e quais recursos utilizará.

A liberdade se estende às fontes, uma vez que o autor pode usar fontes variadas. E o livro-reportagem não se prende à atualidade, pois há uma liberdade temporal, como afirma Lima: “livre do ranço limitador da presentificação restrita, o livro-reportagem avança para o relato da contemporaneidade, resgatando no tempo algo mais distante do de hoje, mas que todavia segue causando efeitos neste”(LIMA, 2009, p. 85).

Para Lima existem diferentes grupos de livros que se distinguem quanto ao tema ou ao tratamento narrativo. O autor classifica os tipos de livros-reportagem existentes: “livro-reportagem-perfil”, “livro-reportagem-depoimento”, “livro-reportagem-retrato”, “livro-reportagem-ciência”, “livro-reportagem-ambiente”, “livro-reportagem-história”, “livro-reportagem nova consciência”, “livro-reportagem-instantâneo”, “livro-reportagem-atualidade”, “livro-reportagem-antologia”, “livro-reportagem-denúncia”, “livro-reportagem-ensaio” e “livro-reportagem-viagem”.

Não vamos explicitar cada um dos tipos citados por Lima. Neste artigo, vamos nos ater a falar apenas de uma categoria por se tratar da proposta de produção de livro-reportagem sobre a história do basquete de Uberlândia: o “livro-reportagem-história”. Como o nome indica, é aquele que traz uma história que tem significado para o presente. Assim, o livro-reportagem-história:

Focaliza um tema do passado recente ou algo mais distantes no tempo. O tema, porém, tem em geral algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual. Esse elemento pode surgir de uma atualização artificial de um fato passado ou por motivos os mais variados (LIMA, 2009, p. 54).

Seguindo essa concepção, no “livro-reportagem-história” há uma reconstrução de algo que aconteceu. Para isso utiliza-se da memória, “entendido como resgate de riquezas psicológicas e sociais, esse método de captação encontra melhor aplicabilidade no livro-reportagem” (LIMA, 2009, p. 127). Neste contexto, a memória é um elemento utilizado para a coleta de fatos que irão compor uma história. Segundo Jacques Le Goff, “tal como o

passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração histórica”, (LE GOFF, 1924, p. 49).

O livro-reportagem é resultado da inquietude do jornalista: seja para falar de algo com profundidade, seja para construir narrativas do real. O tratamento dado ao texto no livro em questão agrega recursos do jornalismo e da literatura. Por se tratar de uma obra que contém uma narrativa extensa, Lima destaca algumas características que o texto do livro-reportagem deve apresentar: “o texto deve fluir com naturalidade, transitar suavemente de uma passagem a outra. Deve ter ritmo, cadência, um pulsar característico, que se altera de vez em quando exatamente para combater o ruído da dispersão” (LIMA, 2009, p. 145).

Por falar em recursos da literatura, existe uma especialidade do jornalismo muito utilizada na produção de uma obra em que se contam histórias da realidade. Estamos falando do jornalismo literário. Utilizar o jornalismo literário em uma produção,

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (PENA, 2006, p. 13).

Para Felipe Pena, o jornalismo literário está ligado à linguística. E mais: é uma forma que nos permite dar “musicalidade” ao texto. De acordo com o autor, “estamos sempre ‘empalavrando’ o mundo. O que falta é valorizar a musicalidade” (PENA, 2006, 21).” Assim, a forma literária possibilita a construção de um texto mais leve e agradável aos leitores. Em uma obra em que se conta narrativas longas, esse tratamento dado ao conteúdo é importante pois contribui para prender a atenção do leitor.

Aliás, o jornalismo esportivo tem tudo a ver com texto leve e agradável aos leitores. O jornalismo esportivo é uma especialidade do jornalismo que, como o nome indica, é dedicado à cobertura esportiva. Tratar de esportes é lidar diretamente com emoção, pois estamos falando de uma paixão de milhares de pessoas. Dessa forma, o jornalismo esportivo nos permite usar uma linguagem mais “musicalizada”. Como afirma Celso Unzelte, “muita gente gosta de esportes, opinião sobre esse assunto todo mundo tem. Imprescindível, mesmo, é saber traduzir isso em uma boa reportagem, em um bom texto,

em um título ou chamada que prenda a atenção do leitor ou espectador” (UNZELTE, 2009, p. 16).

O basquete e Uberlândia

Em 2004, com a conquista do campeonato brasileiro e classificação para o sul-americano, que seria vencido no ano posterior, Uberlândia ganha as manchetes esportivas nacionais com o seu basquete. Seja com o nome Unutri/Uberlândia, referente à universidade que patrocina a equipe desde sua fundação em 1998, seja apenas com a denominação Uberlândia (devido às restrições à veiculação de “marcas” em alguns canais), a equipe do Triângulo Mineiro se torna a principal representante esportiva da região, muitas vezes superando o futebol profissional graças à decadência iniciada na mesma época das tradicionais equipes do Uberlândia Esporte Clube (rebaixado pela primeira vez em 1997 após conseguir o acesso em 1962) e do Uberaba Sport Club (rebaixado em 1993).

Só que o basquete em Uberlândia e no Triângulo Mineiro não começou com a Unutri. Antes mesmo da atual configuração de clubes de campo da cidade, o basquete rivalizava com o futebol e o tênis o coração esportivo dos uberlandenses:

A principal fomentadora do basquete em Uberlândia nos anos 1940 foi a extinta Associação Atlética Uberlândia (A.A. Uberlândia). Antecessora do UTC – fundado em 1943 com a união do Uberlândia Clube com a A.A. Uberlândia) para administrar a área da Praça de Esportes Minas Gerais -, a A. A. Uberlândia foi a primeira associação uberlandense a entrar em contato com a então Federação Mineira de Bola ao Cesto, fundada em 9 de setembro de 1937. Uma notícia do “Correio Paulistano” relata, na sua edição de 15/09/1937, página 8, a fundação dessa forma: “A Federação Mineira de Bola ao Cesto foi fundada no estádio do E. C. Paysandú com a presença dos representantes do América F. C., S. S. Palestra Italia, C. A. Mineiro, Minas Tennis Clube, A. A. Aviação e S. C. Paysandú, respectivamente, senhores: major Pedro Paulo Penido, major Oswaldo Pinto Coelho, dr. Orlando Vaz, Eduardo Borges da Costa Filho, tenente Dirceu Guimarães e capitão Oswaldo Soares, para a fundação, aprovação do ante-projeto dos estatutos e eleição do presidente da nova entidade” (VENANCIO, 2014, s.p.).

O jogo do A. A. Uberlândia com o belo-horizontino Paysandú em fevereiro de 1941 é considerado um dos marcos iniciais do basquete uberlandense.

O Correio de Uberlândia do dia 29 de janeiro de 1941, em sua página 4, declara que “vibra de entusiasmo” com a vinda do quadro mineiro, considerado o melhor do Estado e o único a derrotar o melhor do país em excursão naquele ano, o carioca Tijuca. A vinda do Paysandú, com atletas

como Plutão (“o melhor cestobolista de Minas e um dos mais perfeitos do Brasil”, segundo o Correio), Ávila, Cleveland, Manoel, Jim e o técnico Fu Manchu, representava uma visita oficial dos órgãos do basquetebol na cidade. Junto com a delegação de Belo Horizonte, o Correio relatou que o presidente da Federação Brasileira, Helvecio Ferreira de Carvalho, faria visita a cidade para prestigiar os esforços da implementação do esporte em Uberlândia (VENANCIO, 2014, s.p.).

Dois anos depois, seria fundado o UTC (Uberlândia Tênis Clube). O esquadrão de basquete da agremiação, em 1963, seria campeã mineira, um feito inédito para as equipes do Interior Mineiro.

Antes da era Unitri, a cidade de Uberlândia foi a única do interior a conquistar um título de campeão mineiro no basquete adulto masculino. Poucos, no entanto, divulgam ou sabem que o Uberlândia Tênis Clube, o UTC, em 1963, conquistou o inédito título, até então. Alguns desportistas e, principalmente, jogadores da época não se conformam quando vêm este título sendo ignorado na soma de conquistas da cidade de Uberlândia na história do basquete da cidade. Entre os que não concordam com este esquecimento na divulgação está Lione Tannús Gargalhoni, um dos campeões de 1963, quando o basquete da cidade era considerado um dos melhores do Brasil. Tanto é assim que, na época, o UTC foi também campeão dos Jogos Abertos da Alta Mogiana, considerado um verdadeiro campeonato nacional, numa decisão também histórica com Franca (SP). Foi uma vitória fantástica em 1963 contra o Ginástico (BH), a grande equipe do basquete mineiro na época. Na primeira partida da decisão, em série melhor de três, o UTC venceu o Ginástico por 41 a 40, no dia 29 de março; perdeu a segunda por 54 a 39, no dia 30 de março, e ganhou a terceira por 55 a 41, no dia 31 de março, conforme consta em reportagem publicada na edição do dia 2 de abril de 1963, à página 4, do hoje extinto jornal “O Triângulo” (GOMIDE, 2014, s. p.).

Depois do título inaugural do UTC, a Unitri/Uberlândia conquistou, além do brasileiro e do sul-americano, 14 vezes (1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014) o título mineiro. Mesmo com essa senda de vitórias, no final da temporada 2014/2015, onde foi campeão mineiro e um desempenho mediano na NBB (Novo Basquete Brasil, campeonato que substituiu o brasileiro na temporada 2008/2009), a Unitri fechou seu departamento de basquete sem data para retorno, tal como em outros momentos de sua história:

Um dos mais tradicionais times do basquete brasileiro, o Uberlândia-MG está com seus dias contados. A direção do clube confirmou que deixará o esporte profissional após o fim da atual edição do NBB, no início de abril. De acordo com o presidente Wellington Salgado, o motivo foi a "crise na educação", já que a equipe era bancada pela universidade Unitri. De

acordo com Salgado, o Uberlândia não exercerá atividades profissionais na temporada 2015/2016, mas a expectativa é de uma possível volta a partir do ano que vem. O clube já havia fechado as portas em 2007, voltando somente em 2010, mas sem repetir o mesmo sucesso dos anos anteriores (ZERO HORA, 2015, s. p.).

Com isso, a história do basquete em Uberlândia parece encerrar um capítulo importante em sua atividade esportiva. No entanto, com uma história tão rica, sua difusão parece restrita a pequenos textos especializados do jornalismo esportivo, tal como aqueles que referenciaram a síntese aqui exposta. Torna-se patente, então, a necessidade daquilo que chamamos aqui de narrativizar⁶ a história do basquete uberlandense.

Revisão metodológica

A proposta de produto para o curso de Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação é produzir um livro-reportagem sobre a história do basquete de Uberlândia. A ideia é narrativizar uma história que não foi contada, resgatando a memória do esporte da cidade.

O produto será resultado de um longo processo. O primeiro passo é o que está sendo realizado até o momento: a pesquisa bibliográfica. O aporte teórico é importante para entendermos e trabalharmos os conceitos que permeiam o trabalho e é primordial para a aquisição e ampliação de conhecimento na área. Além disso, contribuem para orientar a produção do livro-reportagem. Dessa forma, livros como “A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística” de Nilson Lage, “Páginas Ampliadas” de Edvaldo Pereira Lima, “Jornalismo Literário” de Felipe Pena, “Jornalismo Esportivo: relatos de uma paixão” de Celso Unzelte, além de material sobre a história do Basquete no site da “Confederação Brasileira de Basquetebol” estão sendo estudados. Outras obras e autores da área de jornalismo esportivo, memória e narrativa serão considerados no decorrer do trabalho.

Para a produção do livro-reportagem sobre a história do basquete uberlandense vamos realizar pesquisa de documentos oficiais, notícias divulgadas na mídia e depoimentos de pessoas que participaram ou assistiram a história do esporte na cidade. Dessa forma, será realizada uma pesquisa documental, para recolher dados e fatos importantes que serão essenciais para construir a narrativa almejada. As pesquisas serão feitas em acervos de jornais, rádios e Tvs, além da internet.

⁶ A expressão “narrativizar” está sendo usada como significado de “transformar em narrativas”.

Outro método que vamos utilizar para a coleta de informações e histórias sobre o basquete em Uberlândia será a entrevista. Assim, estabeleceremos contato com fontes e, posteriormente, realizaremos entrevistas para conhecermos a história do basquete uberlandense em diferentes períodos e sob diversos ângulos: quando surgiu, em que contexto, quem trouxe o esporte para a cidade, como e quando a prática esportiva foi introduzida no ensino escolar, quais os times existiram, quais os jogos marcantes e os títulos conquistados, como era a torcida. Estes são alguns dos pontos que serão trabalhados no livro-reportagem.

As fontes são um ponto chave para o livro, pois elas configuram um meio importante para conhecermos diversas histórias sobre o basquete de Uberlândia ao longo dos anos. De acordo com Lage, quanto à natureza, “as fontes podem ser mais ou menos confiáveis (...) pessoais, institucionais ou documentais” (LAGE, 2004, p. 62). Elas se dividem em oficiais, oficiosas e independentes; primárias e secundárias; testemunhas e experts. O autor fala em oficiais aquelas “mantidas pelo Estado; por instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; e por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc” (LAGE, 2004, p. 62). Já oficiosas são as que possuem ligação com uma entidade ou indivíduo, mas que não tem autorização para falar em nome da instituição ou pessoa. As fontes independentes, para Lage, são aquelas que não possuem vínculo com um fato, entidade ou indivíduo.

Nilson Lage aborda, ainda, que as “fontes primárias são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números” (LAGE, 2004, p. 65) e “fontes secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta ou construção das premissas genéricas ou contextos ambientais” (LAGE, 2004, p. 66). O autor destaca que o testemunho se apoia na memória de quem assistiu ou vivenciou um fato e que os experts são os especialistas que são consultados para darem “versões ou interpretações de eventos”.

Após a seleção de fontes, a próxima fase é realização de entrevistas. Segundo Lage, “a entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos” (LAGE, 2004, p. 73). Para o autor, do ponto de vista dos objetivos, a entrevista pode ser ritual, temática, testemunhal e de profundidade. A entrevista é ritual quando é breve, temática por abordar um tema, testemunhal quando o entrevistado conta sobre algo que assistiu ou participou e em profundidade quando a entrevista gira em torno

da figura do entrevistado e aborda vários aspectos de vida da pessoa. Quanto às circunstâncias de realização, a entrevista pode ser ocasional, quando não é combinada com antecedência; de confronto, em que o entrevistado responde acusações; coletiva, quando o entrevistado recebe jornalistas de diversos veículos e responde perguntas deles; e dialogal, quando a entrevista é marcada previamente e reúne o jornalista e o entrevistado em um mesmo ambiente.

Para a produção do livro-reportagem serão utilizadas fontes oficiais, primárias, secundárias e testemunhas. As entrevistas serão temáticas, por abordarem o basquete; testemunhais, por se tratar do relato do entrevistado sobre alguma história do basquete que ele protagonizou, participou ou assistiu; e dialogais, por serem marcadas previamente e reunir entrevistado e entrevistador em um determinado ambiente. Elas serão realizadas, preferencialmente, de forma presencial. Quando não for possível, serão mediadas, isto é, realizadas por meio de algum recurso tecnológico que, no caso, pode ser por telefone, whatsapp ou e-mail.

Após essa etapa, o próximo passo será compor a narrativa sobre a história do basquete de Uberlândia. O intuito é justamente escrever contando histórias. Para isso, serão usadas as pesquisas realizadas na mídia (impressa, digital, rádio e TV) e as entrevistas com as fontes. A junção dos dois métodos irá nos fornecer os dados, fatos e testemunhos para a construção do livro-reportagem com a memória do esporte em questão.

Epistemologia aplicada à proposta de produção de livro-reportagem

A proposta de produção do livro-reportagem sobre a história do basquete de Uberlândia está em conformidade com os postulados discutidos na revisão teórica. A começar pela noção de paradigma. Isso porque o livro-reportagem é um paradigma. Como já mencionado, trata-se de um produto da comunidade jornalística. Desenvolvido, geralmente, por um profissional da comunicação social. A história do basquete de Uberlândia, por exemplo, será escrita por uma jornalista.

O livro sobre o basquete uberlandense, por exemplo, poderá ser lido por pessoas fora do meio jornalístico, pelas pessoas que gostam de basquete, pelos curiosos que querem conhecer a história do esporte na cidade e por todos que se interessarem pela temática. No entanto, o trabalho será resultado de um trabalho jornalístico, desenvolvido para suprir a inquietude de uma jornalista para um curso em que a comunidade jornalística está inserida:

o Mestrado de Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

Por falar nisso, o livro-reportagem é uma tecnologia da informação. Como descreve Lima, trata-se de um veículo de comunicação jornalística. Aliás, o autor considera o produto como um subsistema do sistema jornalismo. A obra da narrativa de realidade sobre o basquete uberlandense é um produto jornalístico que versa sobre o universo esportivo. O trabalho será desenvolvido por uma jornalista que utilizará técnicas do jornalismo para a sua construção, como os recursos de produção, apuração, redação e edição.

Outro ponto que vale destacar é que o livro seguirá aquilo que se entende como sendo livro-reportagem. Assim, a temática escolhida será trabalhada em profundidade, seguindo as características do livro-reportagem. Não será abordado apenas um ponto, lugar ou pessoa no livro. A proposta é contar uma história que não foi contada. O ponto de partida é a realidade. Para tanto, os recursos que o formato permite serão aproveitados para trazer a tona fatos, dados e histórias sobre o esporte em Uberlândia.

Para o desenvolvimento da obra serão utilizados os elementos possíveis do jornalismo e da literatura. O livro-reportagem será composto por reportagens com narrativas da realidade sobre diversas histórias do basquete vivenciado na cidade de Uberlândia. Juntas estas histórias irão compor a história do basquete da cidade. O recurso do jornalismo literário será empregado visando tornar texto mais atrativo para o leitor. Além disso, o livro não terá um caráter passageiro, pois irá eternizar a história do basquete uberlandense, não permitindo que caia no esquecimento.

Considerações finais

Diante do exposto, podemos perceber que o projeto de construção de um livro-reportagem sobre a história do basquete de Uberlândia se enquadra com a epistemologia. Como já mencionado, trata-se de um paradigma do universo jornalístico. O livro-reportagem é um veículo de comunicação jornalística em que os temas são tratados em profundidade. Com ele é possível relatar fatos com detalhes. Além disso, o autor possui liberdade para produzir a obra. Essa liberdade vai desde a escolha temática até a redação do texto.

A construção do livro-reportagem também irá acrescentar à formação da autora. A prática trará inúmeras experiências, tanto do processo que antecede a produção, quanto de toda a execução do produto. Os conceitos estudados são a base para a realização do projeto.

Já a produção do livro irá somar conhecimentos da prática jornalística de pesquisa documental, coleta de dados, apuração, realização de entrevistas, redação e revisão.

No livro-reportagem que será feito para o curso de Mestrado, as histórias sobre o universo do basquete uberlandense serão narradas com detalhes. A obra irá suprir uma lacuna: a da inexistência de produtos que pautem essa história. Trata-se de um projeto importante, pois contribuirá para a preservação da memória esportiva do basquete uberlandense. Assim, todo o universo do basquete de Uberlândia será estampada nas páginas de um livro, permitindo que essa história não se perca no tempo, mas que venha ao conhecimento de todos e que seja a permanência viva por meio da obra.

REFERÊNCIAS

GOMIDE, A. “Basquete tem título esquecido”. **Correio de Uberlândia Online**. Uberlândia: Algar Media, 28/01/2014. Disponível em <http://www.correiodeuberlandia.com.br/columas/resenha-esportiva/basquete-tem-titulo-esquecido/>. Acesso em 08/07/2015.

KUHN, T. **Reconsiderações acerca dos Paradigmas e Objetividade, Juízo de Valor e Escolha Teórica**. São Paulo: Ed. Unesp, 2010, p. 127 a 153 e 333 a 378.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista jornalística**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LE GOFF, J. **História e memória**. 1924. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4ª ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

SODRÉ, M. Comunicação: um campo em apuros teóricos. **Revista Matrizes**. Vol. 5, nº 2, São Paulo: ECA-USP, 2012, p. 11 a 27.

SODRÉ, M; FERRARI, M. H. **Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

UNZELTE, C. **Jornalismo esportivo: relatos de uma paixão**. São Paulo: Saraiva, 2009.

VENANCIO, R. D. O. “No basquete, antes da Unitri e do UTC, tinha o A. A. Uberlândia”. **Correio de Uberlândia Online**. Uberlândia: Algar Media, 13/11/2014. Disponível em <http://www.correiodeuberlandia.com.br/blogs/lupa-esportiva/basquete-antes-da-unitri-e-utc-tinha-o-uberlandia/>. Acesso em 08/07/2015.

ZERO HORA. “Uberlândia anuncia fim das atividades no basquete”. **ZH Esportes Online**. Porto Alegre: ClicRBS, 26/03/2015. Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2015/03/uberlandia-anuncia-fim-das-atividades-no-basquete-4726942.html>. Acesso em 08/07/2015.